

A IMPORTÂNCIA DO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO NA PREVENÇÃO DA INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO (HPV) EM ADOLESCENTES

THE IMPORTANCE OF CONDOM USE MALE IN PREVENTING INFECTION HUMAN PAPILOMAVIRUS (HPV) IN TEENS

MARIANNA TEODORO DA CRUZ^{1*}, ANA CLARA MOREIRA LEITE¹, KAROLAYNE CRISTINA DE SOUZA RODRIGUES¹, ISABELA MARTINS CAMARGO¹, THÉA NOBRE PEREIRA²

1. Acadêmicas do Curso de Graduação em Biomedicina da Faculdade Única de Ipatinga – M.G; 2. Docente do curso de Biomedicina da Faculdade Única de Ipatinga. Farmacêutica-Bioquímica. Graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Especialista em Citopatologia pela UFMG e pela Sociedade Brasileira de Citologia Clínica. Mestre em Ensino de Ciências - área de Biologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

*Rua Santo Antônio, 190, Centro, Alvinópolis, Minas Gerais, Brasil. CEP: 35950-000. marianna-16@hotmail.com

Recebido em 01/10/2015. Aceito para publicação em 10/12/2015

RESUMO

A adolescência é compreendida por uma fase de grandes transformações entre a infância e a idade adulta, onde começam a formar conceitos e a tomar decisões, entre elas, o início da vida sexual. Essa precocidade na vida sexual dos adolescentes pode levar a práticas desprotegidas, que podem resultar em doenças sexualmente transmissíveis (DST) e outras patologias, incluindo o câncer de colo de útero. O Biomédico é um profissional habilitado a orientar esses adolescentes, seja na promoção de palestras educativas, ou ainda como responsável pela execução do exame preventivo ou papanicolau. Esta revisão de literatura tem como objetivo apresentar a importância do uso de preservativo masculino por adolescentes na prevenção das DST, especialmente a infecção do Papilomavírus Humano (HPV). Foi observado que alguns adolescentes não fazem o uso frequente deste preservativo por diversos fatores, mesmo cientes da importância do seu uso na prevenção de DST.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes, doenças sexualmente transmissíveis, Papilomavírus Humano, preservativo.

ABSTRACT

Adolescence is understood through a phase of great changes between childhood and adulthood, where they begin to form concepts and to make decisions, among them, the beginning of sexual life. This precocity in sexual life of adolescents can lead to unsafe practices that can result in sexually transmitted infections (STIs) and other diseases, including cancer of the cervix. The Biomedical is a qualified professional to guide teenagers, is to promote educational lectures, or as responsible for implementing the preventive or Pap smears. This literature review aims to present the importance of condom use by adolescents in preventing STDs, especially the Human papillomavirus infection (HPV). It was observed that some teens do not make frequent use of the condom by several factors even aware of the importance of its use in preventing STDs.

KEYWORDS: Adolescents; sexually transmitted diseases; Human Papillomavirus, condom.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é o período da vida entre a infância e a idade adulta. A faixa etária que define este período é diferentemente compreendida: a Organização Mundial de Saúde (OMS) entende que a adolescência é uma fase de grandes transformações que atinge os indivíduos que se encontram na faixa etária entre os 10 e os 19 anos; já a Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Brasil, delimita esta fase entre os 12 e 18 anos. Durante esta etapa ocorrem intenso crescimento e desenvolvimento, que resultam em mudanças físicas (anatômicas e fisiológicas), sociais e psicológicas: os indivíduos começam a formar seus conceitos e tomar decisões baseadas nas informações obtidas a partir do convívio com colegas, amigos e familiares, além das obtidas a partir da mídia^{1,2,3}.

Segundo Coutinho *et al* (2013)⁴, esta fase de transformações facilita a exposição a comportamentos de risco à saúde, o desejo por novas experiências, de testar, confrontar ou transgredir limites existe nos adolescentes. Gonçalves *et al* (2015)¹ relatam que esta é a época do desenvolvimento humano onde ocorre a adoção de diversos comportamentos, sejam estes sexuais ou ainda a experimentação de drogas lícitas ou ilícitas.

A fase da adolescência apresenta-se como um período do desenvolvimento onde a maioria dos indivíduos aqui denominados como adolescentes inicia a sua vida sexual^{2,3}. Segundo a OMS a grande maioria dos adolescentes tem iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo (entre 12 e 17 anos), muitas vezes desacompanhada da responsabilidade social. Outras pesquisas revelaram uma precocidade ainda maior para esta iniciação, com relatos de faixa etária predominante compreendida entre os 13 e

14 anos³. Gonçalves *et al* (2015)¹ relatam que a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que os meninos apresentam precocidade quando comparado com as adolescentes do sexo feminino. Rodrigues (2010)⁵ afirma que no período da adolescência é percebida uma maior incidência de DST: acometendo cerca de 25% dos jovens menores de 25 anos; 65% dos casos da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) apresentam-se entre 20 e 39 anos e representam condições de aquisição de infecção por HIV no decorrer da adolescência (etapa assintomática da doença 10/15 anos).

A iniciação sexual precoce acompanhada do não uso ou do uso incorreto dos preservativos pode resultar na aquisição de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), como por exemplo, a infecção pelo vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da AIDS, e a infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), associada aos cânceres genitais^{6,3}. A OMS sugeriu, no ano de 2001, a alteração da expressão DST por infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), com o propósito de destacar as infecções assintomáticas⁵.

É sabido que a escola possui um papel fundamental na educação sexual dos adolescentes, uma vez que é considerada como espaço de construção dos saberes e conhecimentos, além de ser o local onde eles passam (ou deveriam passar) boa parte do seu dia. Segundo Coutinho *et al* (2013)⁴, a adolescência é uma fase caracterizada por transformações biopsicossociais e a escola e os profissionais da saúde têm papel fundamental na orientação do comportamento visando a prevenção a saúde desses indivíduos.

A Constituição Federal de 1988 no seu artigo 196 afirma que “A saúde é direito de todos e dever do estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”⁷. De acordo com Coutinho *et al* (2013)⁴, o crescente interesse nas políticas públicas de educação sexual dos adolescentes está diretamente associado ao fato da idade de iniciação sexual poder definir padrões de comportamento e riscos à saúde durante esta fase e também no futuro. A partir da década do ano 2000, diversas campanhas governamentais de educação em saúde com foco na exposição da importância do uso de preservativos com o objetivo de evitar as DST e a gravidez precoce durante a adolescência foram promovidas pela Coordenação Nacional de DST e AIDS, do Ministério da Saúde (MS).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de biomedicina⁷, o biomédico com formação generalista pode atuar em todos os níveis de atenção à saúde. Este profissional está apto para trabalhar em equipes interdisciplinares na área da saúde nas diversas atividades complementares de diagnóstico e

atuar como agente de promoção e proteção da saúde, planejando e administrando serviços de saúde comunitária. Além disso, colabora na realização de pesquisas de interesse na saúde pública, bem como assessoria de autoridades na emissão de pareceres técnicos, no sentido da preservação da qualidade de vida da população. É ainda capacitado para atuar na Educação Básica e na Educação Profissional em Biomedicina.

Ao se considerar a importância do tema e da inserção do profissional biomédico na promoção da saúde, realizou-se esta revisão bibliográfica das publicações que tiveram como objetivo apresentar a importância do uso de preservativo masculino por adolescentes na prevenção das DST, especialmente a infecção do HPV.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão de literatura com abordagem descritiva realizada entre janeiro e novembro de 2015. Os dados acerca do uso de preservativos masculinos pelos adolescentes e o conhecimento dos mesmos acerca das DST, com ênfase na infecção pelo HPV (e sua correlação com o desenvolvimento de lesões precursoras do câncer de colo de útero), foram levantados entre os meses de julho e novembro de 2015, em livros e artigos científicos. Os bancos de dados utilizados foram Bireme, EBSCO, Lilacs, Linkscienceplace, PubMed, Repositório Científico Atlântica e Scielo com os seguintes descritores: Adolescentes, Citologia, Comportamento Sexual, Educação Sexual, HPV, Papilomavírus Humano, Preservativos masculinos e Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Para cada um desses descritores foram selecionados estudos pertinentes ao objetivo do trabalho em artigos com a data de publicação a partir de 2009, e livros com a data de publicação a partir de 2009.

3. DESENVOLVIMENTO

Papilomavírus Humano

Papilomavírus são membros da família Papillomaviridae e infectam o epitélio de animais, incluindo os seres humanos (Papilomavírus Humano ou HPV), causando tumores benignos de células escamosas como verrugas (HPV tipos 6 e 11, por exemplo). Alguns tipos podem resultar em carcinoma da cérvix e do pênis (especialmente os tipos 16 e 18). São vírus relativamente pequenos, não envelopados, com 55 nm de diâmetro. Apresentam um DNA (ácido desoxirribonucleico) de fita dupla circular^{8,9,10}.

A infecção inicial desse vírus ocorre por acesso das pequenas partículas virais liberadas, às células do epitélio escamoso, a partir de microlesões. Este vírus pode se manter sob a forma epissomal (ou latente) no núcleo das células infectadas, o que é comumente encontrado nas lesões classificadas como de baixo grau. Os HPV causam infecções nas localidades cutâneas e mucosas, po-

dendo levar diversas vezes a evolução de diferentes tipos de verrugas ou condilomas: verrugas chatas, condilomas genitais, verrugas plantares, verrugas de pele, verrugas anogenitais, papilomas de laringe^{11,12,9}.

Durante a progressão da infecção, o genoma viral é encontrado de forma integrada ao DNA humano, que pode resultar em lesões classificadas como de alto grau e associadas a diversos cânceres genitais: vulva, cérvix, pênis e ânus. O HPV é fortemente associado como agente presente nas verrugas, condilomas e lesões malignas do câncer de colo de útero, sendo considerado como causa necessária para o desenvolvimento do carcinoma invasivo. Atualmente a infecção causada pelo HPV é apresentada como cofator imprescindível para o desenvolvimento do câncer do colo uterino, porém outros fatores exercem influência como o uso prolongado de contraceptivos, alta paridade e tabagismo^{9,12,13}.

O HPV pode ser transmitido sexualmente por contato de pele infectada ou durante a relação sexual, podendo acometer homens e mulheres. Ainda existem poucas informações a respeito da infecção em indivíduos do sexo masculino, porém estudos indicam ser o homem um importante agente transmissor e propagador do vírus, contribuindo indiretamente para o alto número de neoplasias cervicais das mulheres. Seu diagnóstico inicial é feito através da observação clínica da presença das verrugas^{14,15}.

Brasil (2014)¹⁶ afirma que a maioria das mulheres fica sabendo que é portadora desta infecção por meio da realização do exame de papanicolau, cujo objetivo é a detecção de células anormais presentes no colo do útero e que podem estar associadas a este vírus. Apesar de não diagnosticar a presença do vírus, este exame é considerado o melhor método para detecção das lesões precursoras associadas ao câncer do colo do útero, além de ser considerado um excelente método preventivo. Caso seja identificada alguma alteração ou lesão, é retirado um fragmento do tecido para a realização de estudo histopatológico ou biópsia. A confirmação da infecção pelo HPV deve ser realizada por exames moleculares, cujo objetivo é detectar a presença do DNA viral e o tipo específico (grupos de baixo ou alto risco oncogênico).

Santos, Maioral e Haas (2011)¹⁵ afirmam que a maior parte das infecções por HPV em homens apresenta caráter benigno, geralmente de forma subclínica, podendo se manifestar como pápulas geralmente múltiplas ou como lesões carnudas e semelhantes à “couveflor”, localizadas no pênis, glândula, escroto, sulco balanoprepucial, região perianal e, mais raramente, no meato uretral. Lesões presentes na cavidade oral também podem ser observadas. Um diagnóstico correto requer, além da anamnese, um exame físico e, se necessário, exames complementares para a pesquisa direta dos vírus. Outra técnica complementar é a da inspeção com ácido acético, utilizada para facilitar a detecção da infecção.

Brasil (2014)¹⁶ afirma que a forte associação da infecção do HPV durante as relações sexuais resultou na adoção de outras medidas de prevenção, além da realização do preventivo (ou papanicolau) anualmente pelas mulheres: o uso de preservativos e a vacina HPV. Os preservativos não impedem totalmente a infecção pelo HPV, pois as verrugas ou lesões podem estar presentes em áreas que não estejam protegidas pelo preservativo, entretanto o uso correto da camisinha é um método eficaz na prevenção de doenças como a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), hepatites e outras DST.

Ainda segundo Brasil (2014)¹⁶, a vacinação contra o HPV tem como objetivo a redução da incidência e da mortalidade por câncer de colo de útero, sendo indicada como método preventivo especialmente para as adolescentes entre nove e treze anos. A vacina tem se mostrado eficaz quando administrada nas meninas desta faixa etária que ainda não tiveram contato com este vírus (especialmente os HPV 6, 11, 16 e 18), por induzir a produção de anticorpos em grandes quantidades, que resulta em melhor resposta de proteção ao desenvolvimento de lesões.

O uso de preservativos masculinos na prevenção de DST

Atualmente os jovens são inseridos em um grupo populacional de grande risco epidemiológico para as DST devido as relações sexuais prematuras e a falta de informação dos riscos que existem na prática sexual, contribuindo para um aumento de infecção. O tema sexualidade é abertamente debatido nos meios de comunicação e entre os grupos de amigos: a falta de censura nas redes sociais e no convívio do dia a dia expõe esses adolescentes ao ato sexual precoce e muitas vezes as informações são distorcidas sobre saúde sexual e reprodutiva^{17,18,2}. Segundo Jardim *et al* (2013)¹⁷ de acordo com a Sociedade Brasileira de Obstetria e Ginecologia da Infância e Adolescência (SOGIA-BR), os adolescentes parecem não estar seguindo as orientações de utilização dos métodos preventivos que são distribuídos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Para que os adolescentes possam vivenciar suas relações sexuais de maneira segura, evitando gravidezes indesejáveis e DST é fundamental o conhecimento sobre os métodos contraceptivos, e os riscos do não uso desses métodos. Alguns fatores são apontados como responsáveis pela não utilização dos preservativos: a educação escolar, o constrangimento entre pais e filhos, falta de conscientização sobre a gravidade de uma DST, falta de diálogo com os adolescentes em consequência de uma cultura em que o sexo é envolvido por preconceitos, influenciando no comportamento sexual dos adolescentes. De acordo com Jardim e Santos (2012)² a educação sexual dos nossos jovens deve ser iniciada de maneira informal pelos pais durante a infância, e deve ser completada pela escola e

por profissionais de saúde.

No Brasil, a discussão sobre a quem cabe a responsabilidade de orientar os adolescentes quanto à sexualidade e, conseqüentemente, o uso de preservativos, data do século passado. Atualmente, o número de adolescentes no Brasil corresponde a 23,4% da população, justificando assim a importância desse grupo de pessoas. Em relação à formação dos adolescentes, os educadores, os profissionais de saúde e os pais muitas vezes não tem consciência do problema dessa população, em consequência da falta de informação ou ao tabu social de discutir este tema. Estudos mostram que os adolescentes possuem um maior domínio acerca do tema do que os pais, mas não o suficiente para exercer um comportamento sexual seguro. Dessa maneira, a escola assume um papel fundamental na educação sexual dos jovens promovendo uma ação crítica, reflexiva e educativa, conscientizando-os da importância do uso de preservativos e de outros métodos preventivos¹⁹.

Por ser tratar de um assunto importante e complexo, o comportamento sexual dos jovens tem ganhado grande visibilidade: a partir do ano 2000 a Coordenação Nacional de DST e AIDS (MS) promove campanhas governamentais de educação em saúde, tendo como foco a importância do uso de preservativos na prevenção de DST e da gravidez durante a adolescência. Com o início da vida sexual precoce os adolescentes ficam mais vulneráveis a danos à saúde que poderão refletir durante este período ou ainda na fase adulta; outra consequência dessa atitude pode levar também a uma maior quantidade de parceiros sexuais, contribuindo para uma possível disseminação de DST. O consumo de álcool, tabagismo, drogas ilícitas e envolvimento em brigas também foram associados aos adolescentes que já iniciaram sua vida sexual^{1,4,20}.

O modo de prevenção às DST e gravidez mais relatado pelos adolescentes é o uso do preservativo, sendo mais usado pelos homens (preservativo masculino). O não uso ou o uso incorreto do preservativo pode ser ocasionado pela confiança no parceiro (a) ou até mesmo pela falta de informações, especialmente no caso de adolescentes que se viram obrigados a afastar-se da escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar^{1,20}.

Muitos adolescentes não têm as informações necessárias sobre os riscos que existem na prática sexual¹⁷. Pesquisas realizadas apontam que a maior preocupação dos adolescentes é o de uma possível gravidez precoce: nem sempre este receio é associado a risco de uma infecção e desenvolvimento de DST pelo não uso de preservativo²¹.

Para que os adolescentes possam vivenciar uma vida sexual saudável, prevenindo a gravidez indesejada e contaminação pela DST, são necessários conhecimento e reflexão sobre métodos contraceptivos advindos de relações sexuais desprotegidas¹⁷. Estudos demonstram que

apenas o conhecimento ou a informação sobre os métodos contraceptivos não garante o uso de preservativos, pois não existe um resultado significativo entre o maior uso de métodos anticoncepcionais e o maior uso de preservativos. Existem muitos motivos apresentados pelos jovens pelo não uso desses métodos, principalmente pelas mulheres: “nem pensaram nisso”, “pensava que não podia engravidar”, “era responsabilidade do parceiro”. Isso pode ser explicado pela confiança que os parceiros adquirem uns pelos outros: quando as relações afetivas e/ou sexuais se tornam mais estáveis esse uso cai drasticamente: é percebido que o uso mais frequente dos preservativos masculinos está associado às relações sexuais esporádicas^{21,22}.

O uso do preservativo pelos adolescentes na prevenção ao HPV

Segundo Lopes e Alves (2013)⁶ ainda existindo outras formas de transmissão do HPV, a relação sexual desprotegida é a mais significativa. Algumas condutas podem ser efetivas na prevenção dessa infecção viral, com planos de melhorias à saúde e mudanças na conduta sexual dos adolescentes, com a administração de vacinas profiláticas e uso de preservativos. É sabido que a falta de conhecimento necessário e seguro sobre o uso de preservativos faz com que esses adolescentes não consigam uma prática sexual adequada.

O uso do preservativo masculino não elimina totalmente o contágio do HPV, pois esse é feito através de pele com pele, pele com mucosa e entre mucosas²³. Isso se dá pelo fato do preservativo não cobrir todas as áreas susceptíveis de infecções como, por exemplo, na vulva, na região pubiana, perineal e perianal ou na bolsa escrotal²⁴. Estima-se que o uso do preservativo consiga impedir de 70% a 80% das transmissões do HPV²⁵. O preservativo feminino é considerado mais efetivo, pois cobre também a vulva, evitando melhor o contágio porém desde que seja usado corretamente e no início da relação²⁶.

Estudos mostram que adolescentes ao serem questionados sobre a forma de prevenção do HPV o método mais citado foi o preservativo. Sabem a importância deste no sexo seguro e na prevenção de possíveis DST/HPV. Foi observado que uma significativa parcela dos adolescentes faz somente o uso esporádico do preservativo. Muitos adolescentes já ouviram falar e até sabem algumas informações sobre o HPV, porém não o bastante: alguns nem se quer sabem a forma de transmissão ou até mesmo o que o HPV pode causar. Segundo o MS a vida sexual iniciada na adolescência contribuiu para a contaminação do HPV^{14,27}.

Panobianco (2013)¹⁴ mostrou que uma parcela das adolescentes não faz o uso do preservativo, e que em grande maioria são mulheres solteiras com parceiros casuais, sendo expostas a um risco de grande importân-

cia para a contaminação do HPV. Os adolescentes (meninos e meninas) relatam algumas desvantagens que os levam a abdicar o uso do preservativo masculino, como o desconforto e a diminuição da sensibilidade, nota-se um decaimento no uso e quando usado está sendo apenas como anticoncepcional, não preocupando com a prevenção. O fato de muitos adolescentes saberem a importância do uso do preservativo e mesmo assim não o utilizarem, mostra uma carência no grau de conhecimento e no uso definitivo do preservativo²⁸.

O fato de esses adolescentes estarem solteiros acaba prejudicando, favorecendo para a ocorrência de uma quantidade maior de parceiros e isso é um grande fator de risco para que haja o contágio do HPV, ou seja, pelo fato de terem um maior número de parceiros a probabilidade de se contaminarem é maior. No entanto, mulheres que se encontram nos segmentos de maior renda e maior escolaridade possuem maior chance de realizarem os exames preventivos (Papanicolau), que por identificar a doença em fase inicial, pode resultar em um tratamento eficaz. Ao contrário quando o nível socioeconômico diminui, cresce o número de mulheres que não podem realizar este exame preventivo. E dessa forma que se nota a necessidade da intervenção da parte dos serviços públicos de saúde²⁹.

Atualmente quando os jovens de ambos os sexos são abordados sobre o tema DST, é possível notar que estes possuem um conhecimento significativo e sabem diferenciar DST e não DST - estima-se que existam cerca de 20 agentes infecciosos associados a uma transmissão através das relações sexuais (parasitas, bactérias, vírus e fungos). Os mais citados são *Haemophilus ducrey* (“cancro mole”), *Neisseria gonorrhoeae* (“gonorreia”), *Candida albicans* (“monilíase”), *Trichomonas vaginalis* (“tricomonas”), além de Hepatite B (HBV), Vírus herpes simples (HSV2) e HIV/AIDS. No entanto quando o assunto é a prevenção da infecção pelo HPV o conhecimento destes jovens já se apresenta de uma forma vaga e não satisfatória. Portanto é imprescindível a realização de palestras educativas em escolas e por órgãos de saúde para que se possa aumentar o conhecimento desses adolescentes, pois o HPV é a infecção que mais prevalece na vida dessa população sexualmente ativa^{5, 6, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36}.

4. CONCLUSÃO

O câncer do colo do útero é uma doença que apresenta estatísticas alarmantes, pois é considerada a segunda causa de morte por câncer entre as mulheres: a cada dois minutos morre uma mulher com câncer de colo de útero no mundo, inclusive em países como o Brasil. O exame de papanicolau, que pode ser uma área de atuação do biomédico, salva vidas: a OMS reconhece ser esse um método de triagem e prevenção das lesões

primárias do câncer cervical, de baixo custo e alta efetividade, ou seja, uma das melhores estratégias de saúde pública para o rastreamento desse tipo de câncer.

Entretanto devido à forte correlação entre o HPV e o câncer de colo de útero, esta prevenção deve ser estimulada a partir da relação sexual segura, especialmente entre os jovens. O uso do preservativo masculino é o mais recomendado pelos especialistas para uma relação sexual segura entre os adolescentes, além de ser facilmente adquirido de forma gratuita nas unidades de saúde. Apesar da eficácia do preservativo feminino, existe dificuldade na compra em drogarias e também na distribuição pelos programas de saúde.

Baseado na revisão realizada observa-se que os casos de infecção pelo HPV entre os adolescentes têm crescido cada vez mais devido a relações sexuais precoces e à falta de prevenção durante o ato sexual, muitas vezes ocasionada por informações incorretas do uso do preservativo, por influência da mídia e de colegas. A inserção dos pais, da escola e dos profissionais de saúde na vida cotidiana dos filhos é fundamental para a conscientização dos adolescentes - apesar de ser ainda um assunto envolto por preconceitos, é notória a importância da apresentação e discussão dos riscos de uma prática sexual protegida.

REFERÊNCIAS

- [1] Gonçalves H, *et al.* Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia* 2015; 18(1):25-41.
- [2] Jardim DP, Santos, EF. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. *Revista Adolescência e Saúde* 2012; 9(2): 37-44.
- [3] Padilha AP, *et al.* O conhecimento de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Gestão e Saúde* 2015; 6(3):2249-2260.
- [4] Coutinho RX, *et al.* Prevalência de comportamentos de risco em adolescentes. *Cadernos Saúde Coletiva* 2013; 21(4):441-449.
- [5] Rodrigues M J. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na Adolescência. *Revista Nascer e Crescer* 2010; 19(3):200-200.
- [6] Lopes MMC, Alves F. Conhecimento dos adolescentes de uma escola pública de Belo Horizonte sobre doenças sexualmente transmissíveis, em especial sobre o HPV. *Acervo da Iniciação Científica - Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix* 2013; 1.
- [7] Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Biomedicina. Resolução CNE/CES 0104/2002, de 13 de março de 2002. Brasília: MEC, 2002.
- [8] Levinson W. *Microbiologia Médica e Imunologia*. 10^a ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
- [9] Nakagawa JTT, Schirmer J, Barbieri M. Vírus HPV e câncer de colo de útero. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2010; 63(2):307-311.
- [10] Murray PR, *et al.* *Microbiologia Médica*. 6^a ed. Rio de

- Janeiro: Elsevier; 2009.
- [11] Brooks GF, *et al.* Microbiologia Médica: de Jawetz, Melnick e Adelberg. 25^a ed. Porto Alegre: AMGH; 2012.
- [12] Ferraz LC, Santos ABR, Discacciati MG. Ciclo celular, HPV e evolução da neoplasia intraepitelial cervical: seleção de marcadores biológicos. *J Health Sci Inst.* 2012; 30(2):107-111.
- [13] Rama CH, *et al.* Prevalência do HPV em mulheres rastreadas para o câncer cervical. *Revista de Saúde Pública* 2008 Fev; 42(1):123-130.
- [14] Panobianco MS, *et al.* O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. *Texto e Contexto - Enfermagem* 2013; 22(1):201-207.
- [15] Santos IM, Maioral MF, Haas P. Infecção por HPV em homens: importância na transmissão, tratamento e prevenção do vírus. *Revista Estudos de Biologia* 2010/2011 Jan/Dez; 32/33(76-81):111-118.
- [16] Brasil. Ministério da saúde (MS). Programa Nacional de Imunizações. Guia Prático sobre o HPV: Perguntas e respostas. Brasília: Ministério da saúde (MS); 2014.
- [17] Jardim VMJ, *et al.* O conhecimento e o uso de preservativo por adolescentes: estudo comparativo em uma escola particular e pública. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos* 2013; 8(1):8-13.
- [18] Jardim DP, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2006; 59(2):157-162.
- [19] Sousa Neto A, *et al.* Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. *Revista Brasileira de Educação Médica* 2012; 36(1)suppl.1:86-91.
- [20] Malta DC, *et al.* Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Revista Brasileira de Epidemiologia* 2011; 14(1):147-156.
- [21] Tronco CB, Dell'aglio, DD. Caracterização do comportamento sexual de adolescentes: iniciação sexual e gênero. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia* 2012 Jul./Dez; 5(2):254-269.
- [22] Brum MM, Carrara K. História individual e práticas culturais: efeitos no uso de preservativos por adolescentes. *Estudos de Psicologia* 2012; 29(1):689-697.
- [23] Almeida FL, *et al.* A vacina contra o vírus HPV para meninas: um incentivo à vida sexual precoce? *Revista Científica Interdisciplinar* 2014 Jun/Set.; 1(1):49-71.
- [24] Brasil. Ministério da saúde (MS). Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Controle do câncer do colo do útero. [acesso 17 nov. 2015] Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoos_programas/site/home/nobrasil/programa_nacional_controle_cancer_colo_uteroprevencao
- [25] Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia das Doenças do Papilomavirus Humano. Guia do HPV. 2013. [acesso 17 nov. 2015] Disponível em: http://www.incthpv.org.br/upl/fckUploads/file/Guia%20do%20HPV%20Julho%202013_2.pdf
- [26] Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul. Prevenção e combate a doenças. [acesso 17 nov. 2015] Disponível em: http://www.saude.rs.gov.br/conteudo/7879/?O_v%C3%ADrus_%3E_Preven%C3%A7%C3%A3o
- [27] Costa LA, Goldenberg P. Papilomavírus Humano (HPV) entre Jovens: um sinal de alerta. *Saúde e Sociedade* 2013 Jan./Mar; 22(1):249-261.
- [28] Cirino FMSB, Nichiata LYI, Borges ALV. Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e hpv em adolescentes. *Escola Anna Nery* 2010 Jan./Mar; 14(1):126-34.
- [29] Carvalho AV, Almeida OS, Scaldaferrri MM. Conhecimento das adolescentes do Colégio José Marcos Gusmão do município de Itapetinga-BA sobre o HPV e a prevenção do câncer de colo uterino. *Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente* 2012; 12(1):77-100.
- [30] Alves MJ, *et al.* Epidemiologia de *Trichomonas vaginalis* em mulheres. *Revista Portuguesa de Saúde Pública* 2011; 29(1):27-34.
- [31] Baldin-Dal Pogetto MR, Silva MG, Parada CMGL. Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres profissionais do sexo, em um município do interior paulista, Brasil. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* 2011; 19(3):493-499.
- [32] Clemens SAC, Farhat CK. Soroprevalência de anticorpos contra vírus herpes simples 1-2 no Brasil. *Revista de Saúde Pública* 2010; 44(4):726-34.
- [33] Silva AL, *et al.* Hepatites virais: B, C e D: atualização. *Rev Bras Clin Med.* São Paulo 2012; 10(3):206-18.
- [34] Giolo MP, Svidzinski TIE. Fisiopatogenia, epidemiologia e diagnóstico laboratorial da candidemia. *J Bras Patol Med Lab* 2010; 46(3):225-234.
- [35] Lazzarotto AR, Deresz LF, Sprinz E. HIV/AIDS e treinamento concorrente: a revisão sistemática. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* 2010; 16(2):149-154.
- [36] Belda Junior W, Shiratsu R, Pinto V. Abordagem nas doenças sexualmente transmissíveis. *Anais Brasileiros de Dermatologia* 2009; 84(2):151-159.